

Apresentação

Introduction

Carolline da Silva Soares

As Ciências Humanas foram influenciadas decisivamente por questões que visam a entender os significados atribuídos ao feminino e ao masculino, e na História essas abordagens passaram a demonstrar a pretensão dos pesquisadores preocupados em questionar os pressupostos enraizados e a buscar outras narrativas e suportes teóricos que permitissem inserir nas interpretações históricas aqueles até então excluídos delas. Ao se debruçar sobre o cotidiano das pessoas comuns, sobre seus valores e percepções, fez-se necessário a revisão dos paradigmas tradicionais da História e a procura de novas fontes, novos métodos e novas abordagens. De acordo com Feitosa (2012, p. 203-204), "o primeiro desafio foi suplantando as grandes narrativas universalizantes, centradas nas elites masculinas brancas e nos heróis, no Estado e no espaço público". Dentre esses debates e abordagens estão os estudos feministas, que destacam as desigualdades entre homens e mulheres nas sociedades contemporâneas e a exclusão feminina da análise histórica.

A mulher é um tema de pesquisa que vem despertando um considerável interesse entre os especialistas sobre o Mundo Antigo. Essa temática tem sido palco de diversas e inúmeras discussões, que ganharam mais força nos últimos anos do século XX, momento no qual nos deparamos com diversos movimentos organizados contra as desigualdades sociais, as formas de dominação originadas pelas sociedades capitalistas, as diferenças de cunho étnico e sexual. Nesse contexto, as lutas contra as diferenças religiosas, sociais, étnicas, sexuais e de gênero tornaram-se mais frequentes e estimularam o desenvolvimento de importantes debates, que incitaram a busca de novas referências para entender o significado atribuído ao feminino, ao masculino e ao conceito de sexualidade.

Entre 1960 e 1980, os trabalhos publicados preocuparam-se em analisar as mulheres pertencentes, sobretudo, aos círculos aristocráticos da sociedade romana, destacando suas atividades e seus papéis sociais. Embora em menor número, também foram realizadas pesquisas acerca das mulheres dos estratos mais baixos, como plebeias, livres e escravas, evidenciando as atividades que desempenhavam na sociedade, seus ofícios e a participação na política local.

Na década de 1980, em meios a esses debates e pesquisas sobre o papel das mulheres na História, surgem as reflexões acerca das *relações de gênero*. Esse tipo de abordagem, no entanto, somente obtém maior espaço nos estudos das sociedades antigas a partir dos anos de 1990 e, no Brasil, os estudos de gênero no Mundo Antigo se consolidam apenas no início do século XXI.

Por mais que sejam âmbitos próximos, pesquisar e escrever sobre gênero não significa o mesmo que esboçar uma História das Mulheres. São instâncias diferentes e a discrepância está, precisamente, no trato privilegiado dado às mulheres, em contraposição ao realce dado às relações entre o feminino e o masculino inseridas pela historiografia de gênero, que possui como principal proposta o questionamento do uso dos conceitos de *homem* e *mulher* como categorias biológicas, fixas e universais. De tal modo, a aceitação de características intrínsecas ao feminino e ao masculino confere um traço de naturalidade e não de *constructo* social à diferenciação entre os sexos. É na desnaturalização das identificações por meio das características físicas e sexuais que reside o mérito principal dos estudos de gênero, uma vez que, com esse tipo de análise, constata-se que as categorias de *homem* e *mulher* são social e culturalmente construídas (FEITOSA, 2012, p. 205-206).

Joan Scott (1995, p. 86), uma das grandes teóricas sobre as relações de gênero no mundo contemporâneo, percebe o conceito de gênero como “um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças entre os sexos” e “uma forma primária de dar significado às relações de poder”. Nesse sentido, Scott concorda Michel Foucault (2011) sobre a imposição, em nível discursivo e social, de um poder masculino sobre o feminino em algumas sociedades, pois pensa que “gênero não é o único campo, mas parece ter sido uma forma persistente e recorrente de possibilitar a significação do poder no Ocidente, nas tradições judaico-cristãs e islâmicas” (SCOTT, 1995, p. 88). Os discursos construídos, então, geralmente estabelecem e padronizam determinadas imagens de homem e mulher, colocando esta última em situação de subordinação em relação àquele. Nesse sentido, as representações – de si e do outro – “são alicerçadas em abordagens que evidenciam marcas das tensões, dos conflitos e das contradições originadas nas relações sociais em que são articuladas” (FEITOSA, 2012, p. 207).

De tal modo, a leitura das páginas que se seguem nos revela diversas possibilidades de estudo acerca das representações masculinas e femininas no Mundo Antigo, que permanece como tema de acentuado interesse na atualidade, uma vez que, devido a uma participação maior das mulheres no mercado de trabalho, no ambiente acadêmico, na busca de maior liberdade, igualdade, direitos e representação, os estudos sobre elas tiveram um significativo avanço. Um dos objetivos do dossiê que ora trazemos a

público é levantar novas discussões acerca das mulheres no Mundo Antigo e renovar a visão da historiografia tradicional, que atribui a elas uma atuação restrita aos papéis de mãe e de esposa.

As análises históricas efetuadas acerca das especificidades das mulheres na sociedade alinham-se com o processo de transformação historiográfica, que passou a privilegiar os aspectos singulares das ações sociais dos indivíduos ao longo da segunda metade do XX. Na História, colocou-se em debate o papel das mulheres, de modo a compreender como foram cunhadas as diferenças constituídas entre os sexos e as relações de poder estabelecidas entre eles. O papel feminino, então, passou a ser investigado nos mais diversos espaços e tempos históricos. De tal maneira, é de grande importância que os historiadores – e demais estudiosos das Ciências Humanas – problematizem a participação das mulheres na vida social e na esfera política da sociedade à qual estavam inseridas, tanto nos meios formais e/ou informais de atuação, tarefa da qual os autores dos artigos que compõem o dossiê deste número buscaram se desincumbir no âmbito das suas respectivas especialidades.

Referências

- FEITOSA, L. C. Masculino e feminino na sociedade romana: os desafios de uma análise de gênero. In: CANDIDO, M. R. (Org.). *Mulheres na Antiguidade: novas perspectivas e abordagens*. Rio de Janeiro: RioDG, 2012, p. 203-218.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 2011. v. 3.
- SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e realidade*, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.